



CONTOS DA ESCRAVIDÃO: as personagens femininas em Machado de Assis

SHORT STORIES FROM SLAVERY: the female characters by Machado de Assis

CUENTOS DE LA ESCLAVITUD: los personajes femeninos en Machado de Assis

Fernanda Valim Côrtes Miguel¹ & Juliana Aparecida Fernandes²

Resumo: Neste artigo realizamos uma leitura crítica dos contos “Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “O espelho” (1882), “O caso da Vara” (1899) e “Pai contra mãe” (1906), dando destaque ao tema da escravidão negra que os reúne e ao papel dedicado às personagens femininas em cada caso. O estudo em questão apontou para o teor crítico, por vezes irônico, das narrativas estudadas, bem como para a dramática violência do sistema patriarcal e escravocrata no país, sobretudo em relação a essas personagens.

Palavras-chave: Machado de Assis. Contos. Escravidão. Personagens femininos.

Abstract: The purpose of this article is to carry out a critical reading of the short stories

¹ Fernanda Valim Côrtes Miguel é professora Adjunta de Literatura da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – *Campus* de Diamantina/MG. Doutora em Literaturas Modernas e Contemporâneas pela UFMG, com mestrado e graduação pela UNICAMP. fernanda.v.c.mig@gmail.com.

² Juliana Aparecida Fernandes é graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM – *Campus* de Diamantina/MG. julianafe01@yahoo.com.br.

“Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “The Mirror” (1882), “The Case of the Rod” (1899) and “Father against Mother” (1906) highlighting the theme of black slavery that brings them together and the role dedicated to the female characters in each of them. This study pointed to the critical or ironic senses of the narratives studied, as well as to the dramatic violence of the patriarchal and slavesystem in the country, mainly, related to these characters.

Key-words: Machado de Assis. Short Stories. Slavery. Female characters

Resumen: En este artículo realizamos una lectura crítica de los cuentos “Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “O espelho” (1882), “O caso da Vara” (1899) y “Pai contra mãe” (1906), centrándose en el tema de la esclavitud negra que los reúnen y al papel dedicado a los personajes femeninos en cada caso. Dicho estudio apunta a um tono crítico, muchas veces irónico, de las narrativas estudiadas, así como a un estallido dramático de violencia de lo sistema patriarcal y esclavista en el país, especialmente en relación a los personajes.

Palabras clave: Machado de Assis. Cuentos. Esclavitud. Personajes femeninos.

A abolição é a aurora da liberdade; esperemos o sol; emancipado o preto, resta emancipar o branco. (Machado de Assis. Esaú e Jacó, 1994).

A proposta do presente artigo é apresentar uma leitura crítica de uma breve seleção de contos de Machado de Assis, com destaque maior dado aqui ao conto “Pai contra mãe” (1906), um dos últimos textos escritos por Machado, por vezes mais conhecido e estudado que os demais citados. A importância e o interesse pelo estudo em questão partiu da (re)leitura de uma série de contos do autor em diálogo com nossa linha de pesquisa, interessada no estudo das questões de gênero e encenações do feminino a partir de uma série de textos da literatura brasileira e latino-americana. As narrativas breves mostraram-se portas de entradas convidativas para o vasto universo explorado pelo autor, mas imprimiam também seus próprios desafios. A escolha inicial da seleção dos contos não foi simples de ser realizada, já que muitos deles traziam aspectos interessantes na tentativa de estabelecimento de um diálogo produtivo com certas questões de gênero e destaque de certas personagens femininas.

Num primeiro momento, algo nos pareceu curioso e nos despertou certo estranhamento diante da temática dos contos lidos, principalmente quando considerávamos os contextos de produção das obras do autor, jovem mestiço de origem pobre, neto de escravos e filho de escrava alforriada no Brasil do Segundo Império. Machado foi criado através da proteção de uma família aristocrática do

subúrbio carioca³ e produziu grande parte de seus contos no contexto de um país ainda escravocrata, em que a Lei do Ventre Livre é promulgada 1871 e a abolição datada em 1888, pela proclamação da Lei Áurea (GLEDSON, 2007, p.08). Nesse contexto, qual teria sido a relevância do tema da escravidão nas obras do autor ou essa questão seria algo insignificante ao longo de sua produção ficcional? Em relação específica aos contos, gênero de nosso interesse de estudo, o tema da escravidão teria ganhado alguma expressão significativa? De modo mais geral, num primeiro momento, nos interessou pensar em como a escravidão aparecia ficcionalizada nos contos de Machado.

Ao longo dos debates sobre o tema, Machado de Assis foi questionado por certas tradições críticas, na postura de homem e de escritor, por ter se negado a assumir posicionamentos relacionados à política de seu próprio tempo e à sua etnia negra e afro-descendente. Em oposição a este pensamento, Marli Scarpelli (2003) argumenta que as narrativas de Machado de Assis, tanto os seus romances quanto os contos, já apontavam para essas questões éticas e políticas, não se abstendo, por exemplo, da problemática da escravidão: “haja vista os posicionamentos de distintos narradores machadianos ora tenderem a tangenciar-se para meios tons irônicos ou alegóricos, ora se concentrarem em denúncias frontais” (SCARPELLI, 2003, p.121). A autora recupera certas passagens do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* para mostrar como a narrativa aponta também para uma “denúncia do mecanismo escravocrata, reproduzidor da máquina colonial” ao reencarnar um defunto autor, Brás Cubas, e satirizar, por vezes, certos privilégios concedidos aos filhos da classe dominante brasileira do século XIX:

A conduta desregrada do “menino diabo”, apelido de infância, é, desde cedo, endossada pelo pai, graças a cuja proteção Brás tem a “divertida” prerrogativa de quebrar a cabeça de uma escrava que lhe nega um doce ou de fazer de Prudêncio, um pequeno escravo, sua montaria. Quando adulto e já alforriado, este, por sua vez, é visto a reproduzir a prática do antigo dono, quando submete ao chicote um escravo que tomou para si (SCARPELLI, 2003, p.123).

Ainda neste mesmo contexto, Marli Scarpelli também cita o romance *Memorial de Aires*, publicado em 1908, mesmo ano da morte de Machado de Assis, apontando também para o modo como a narrativa tematiza a discussão

³ Importante observarmos que o Rio de Janeiro foi a primeira capital do Império no Brasil.

sobre a abolição da escravidão no Brasil. Além dos romances, a autora cita o conto “Pai contra mãe”, publicado em 1906, como emblemático desta mesma discussão e que será por nós comentado mais adiante. A partir do interesse de pensar onde estariam os traços afro-descendentes no homem e, sobretudo, na obra do “maior literato negro surgido até o presente” (BLOOM Apud DUARTE, 2009, p.08), Eduardo de Assis Duarte também problematiza essas questões destacando que:

mesmo sem assumir uma militância abolicionista explícita [...], Machado empenhou-se a seu modo na luta pela abolição, não apenas como colunista e colaborador ativo, mas também como acionista da *Gazeta de Notícias* - um dos jornais de maior circulação na Corte -, cujas posições eram francamente contrárias à escravidão, conforme atesta Magalhães Júnior (1957) (DUARTE, 2009, p. 10).

Além do interesse no modo como a escravidão aparecia em um conjunto de textos de Machado de Assis, outra questão também nos interessou bastante ao longo das leituras, justamente a da construção das personagens femininas nessas narrativas. Em grande parte dos contos de Machado, assim como nos romances já consagrados, as personagens femininas ganham destaque e chamam a atenção dos leitores e leitoras, principalmente pela complexidade como são descritas e construídas. Em relação a essa temática, John Gledson afirma que “as mulheres, suas vidas, seus amores e frustrações são um dos temas que continuarão a preocupar Machado por toda a sua carreira” (GLEDSON, 2006, p. 41). Entre os temas caros ao escritor, o crítico julga também que “de todos os assuntos, o mais difícil é o da escravidão”, talvez porque abordar esse tema seja um risco a problemas políticos situados justamente entre autor e sociedade (GLEDSON, 2006, p. 42). Num segundo momento, optamos por fazer um mapeamento e um estudo de alguns contos em que a escravidão aparecia como pano de fundo e/ou tema principal no enredo dos contos. Em seguida, apontamos também para a presença das personagens femininas nessas narrativas em questão, no intuito de conhecê-las melhor e aprofundar nossa leitura a partir do interesse por essas duas questões centrais anteriormente apontadas.

Em sua obra *Machado de Assis afro-descendente* (2009), Eduardo de Assis Duarte realiza uma seleção de cinco contos de Machado que possuem como temática justamente o tema da escravidão, são eles: “Virginius” (1864), “Mariana” (1871), “O espelho” (1882), “O caso da Vara” (1899) e “Pai contra mãe” (1906). Nesse sentido, a compilação realizada pelo autor foi de grande relevância, sinalizando afirmativamente aquele primeiro mapeamento realizado.

Em nossa pesquisa, optamos por fazer um recorte desses cinco contos, explorando principalmente as personagens femininas em cada caso. Dentre os contos selecionados por Duarte, acreditamos que “Pai contra mãe” é mesmo o que melhor explicita a relação entre a temática da escravidão e das personagens femininas, pois nele aparece a figura de três mulheres bem diferentes entre si, além da questão da maternidade, que motiva com perversidade irônica o fio narrativo da história.

Ler *Machado de Assis* é e sempre será uma experiência única. Machado escreveu mais de 200 contos compreendidos num período de cerca de trinta anos de plena produção literária. Publicou em mais de quarenta periódicos existentes no Brasil desde o início de sua carreira, na década de 1850. Entre suas produções estão um leque variado de textos, como críticas, crônicas, poemas, contos, romances, peças de teatro, homenagens, discursos, e traduções. Todos os seus contos foram também originalmente publicados em jornais e em revistas. O resultado são as antologias distribuídas em sete volumes de contos por ele organizados: *Contos fluminenses* (1870); *Histórias da meia-noite* (1873); *Papéis avulsos* (1882); *Histórias sem data* (1884); *Várias histórias* (1895); *Páginas recolhidas* (1899) e *Relíquias da casa velha* (1906).

27

Em um estudo realizado por Cilene Pereira (2012), sobre os jogos e cenas de casamento em alguns contos de Machado, as personagens femininas ganham destaque relevante. A autora faz uma importante discussão sobre o suposto desinteresse dos críticos pelos contos da chamada “primeira fase” do escritor. Para ela, parte deles consideraram os contos escritos antes do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881) como de menor valor literário, noção por si mesma controversa, quando se imagina que o valor de uma obra é intrínseco e essencialista, desprovido de uma relação tensional e de poder dos textos, ao longo do tempo, com as comunidades de leitores e suas formas de vida e contextos culturais. Por essa razão, esses contos teriam sido menos estudados ao longo dos anos pelos estudiosos da obra de Machado. Já os publicados posteriormente, os da chamada “segunda fase” do autor, seriam contos considerados “mais maduros” e de maior interesse crítico. De acordo com a autora,

se fizermos um levantamento rápido da bibliografia crítica destinada à obra do escritor fluminense, veremos que vários e importantes ensaios giram em torno de seus romances, especialmente *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*, e sobre aspectos referentes à construção dos narradores e das personagens machadianas, sobretudo as mulheres. Elegendo como ponto principal as personagens

e os narradores de seus romances maduros, escritos após 1880, a crítica machadiana deixava assim uma considerável lacuna em relação a estas mesmas entidades ficcionais presentes nas primeiras narrativas do escritor, sobretudo nos contos (PEREIRA, 2012, p.14).

Ainda segundo Pereira, a “justificativa mais utilizada para explicar a pouca atenção em relação a essa produção inicial de Machado dizia respeito ao fato de serem as primeiras narrativas, produzidas nas décadas de 1860 e 1870, longas, fracas, convencionais e imaturas”, estudá-las havia se transformado, dessa forma, num ato de desobediência ao autor, em primeiro lugar, e à crítica, em última instância” (SILVA Apud PEREIRA, 2012, p.14).

Vale ressaltar que tanto o *Jornal das Famílias*, quanto *A Estação*, veículos para os quais Machado escreveu contos durante quinze anos (1863-1878), eram revistas dedicadas ao público feminino. O jornal era uma publicação ilustrada, recreativa e artística que circulou no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. No *Jornal das Famílias*, Machado publicou quase todos os contos da chamada “primeira fase”. John Gledson revela como a produção do autor estava voltada para suas leitoras:

O Jornal das Famílias e A Estação eram revistas femininas, e Machado não apenas escreveu muito para elas; ele foi seu espírito orientador; ao menos em seu aspecto literário. Esse esforço de produzir uma literatura que estimulasse as mulheres brasileiras é um dos traços menos conhecidos da carreira desse suposto retraído (GLEDSON, 1998, p. 19).

Observamos, a partir deste fragmento e de marcas explícitas em algumas de suas narrativas⁴, que Machado estava ciente de que escrevia para um público de leitoras situadas na passagem do século XIX para o século XX no país. De acordo com Alexandra Pinheiro (2004), o *Jornal das famílias*, circulou durante 15 anos no Brasil, França e Portugal, veiculando normas de boa conduta para suas leitoras, o que comprova que a escrita de Machado estava voltada realmente para as mulheres. No jornal circulavam matérias sobre economia doméstica, medicina doméstica, anedotas, moda, poesias e narrativas. A importância do *Jornal das Famílias*, no contexto deste estudo, nos encaminha para uma aproximação entre

⁴ Observamos, por exemplo, como Bentinho, narrador de *Dom Casmurro*, constrói uma interlocução direta com o público feminino ao marcar sua fala dialogando com uma possível “leitora”.

público leitor (mulheres leitoras) e a construção de personagens femininas na literatura de Machado. Esta possível consciência, por parte do escritor, sobre o público para o qual escrevia poderia ter influenciado, de algum modo, sua literatura e a criação das figuras femininas de seus contos?

ELISA, MARIANA E LUCRÉCIA: punição, resistência, fugas e suicídio

Antes de comentarmos mais especificamente o conto que será aqui nosso objeto mais central de estudo, em virtude do espaço disposto, gostaríamos de apontar brevemente para algumas questões relacionadas aos três contos de Machado que também trazem aspectos relacionados à escravidão, cujas leituras foram de grande impacto, além de relevantes para nossa pesquisa e para a escrita deste artigo, justamente “Virginius”, “Mariana” e “O caso da vara”. Optamos por comentar brevemente aspectos relacionados às personagens femininas nesses três contos em questão.

“Virginius (narrativa de um advogado)” foi publicado em cinco capítulos no *Jornal das Famílias*, em 1864, e integrou posteriormente a seção *Outros contos*, da edição Nova Aguilar. O conto destaca-se pela presença de um narrador advogado anônimo que recebe um misterioso bilhete. O narrador inicia seu relato em tom de mistério: é convocado a defender um réu em uma vila próxima, também não nomeada, com dinheiro para despesas e honorários:

O Dr.*** é convidado a ir a vila de. tomar conta de um processo. O objeto é digno do talento e das habilitações do advogado. Despesas e honorários ser-lhe-ão satisfeitos antecipadamente, mal puser o pé no estribo. O réu está na cadeia da mesma vila e chama-se Julião. Note que o Dr. é convidado a ir defender o réu (ASSIS, 2008, p.751).

O narrador fica intrigado com o acontecimento e sai da Corte em direção à vila para buscar solucionar o caso e compreender o ocorrido (e quem sabe escrever um romance depois?), que é justamente a construção da narrativa do conto. Num encontro com um amigo, ele descobre que o bilhete foi escrito por Pio, fazendeiro conhecido na região como “Pai de todos”, nas palavras do amigo: “a justiça e a caridade fundidas em uma só pessoa” (ASSIS, 2008, p.751). A descrição de Pio é recuperada como a de um homem justo e bondoso com seus empregados e escravos. Já a fazenda, como local de “asilo dos órfãos e dos pobres. Ali se encontra o que é necessário à vida: leite e instrução às crianças, pão

e sossego aos adultos” (ASSIS, 2008, p.752). O narrador chega então à fazenda de Pio e, depois, segue rumo à prisão para finalmente interrogar o réu. Assim, descobrimos que Julião era um daqueles trabalhadores acolhidos na fazenda a quem foi dado um sítio próximo para que vivesse com sua pequena filha, após a morte da esposa, sob a proteção do fazendeiro.

Podemos perceber, logo no início do conto, a engenhosa estratégia narrativa de Machado ao criar um narrador que vai descobrindo junto com o leitor os fatos que levaram ao crime até então desconhecido, revelando as pistas uma a uma, estratégia capaz de fisgar a atenção dos leitores até o fim do caso. Apesar das diferenças sociais de classe existentes entre patrão e empregado, o relacionamento entre Pio e Julião era bastante amigável. O protegido era também muito bem pago em troca de seu trabalho, gratidão, amor e respeito para com seu protetor. A amizade entre ambos justificou a estreita convivência de seus respectivos filhos, Carlos e Elisa, que cresceram juntos na fazenda em que um era o dono o outro o trabalhador.

Julião morava com sua única filha, Elisa, que durante a infância teve a amizade pura de Carlos, futuro herdeiro da fazenda. Já crescidos, os dois se distanciam: Carlos vai embora estudar, enquanto Elisa, simples filha de um empregado, permanece na fazenda com o pai dedicando-se somente aos cuidados domésticos. Anos depois, o rapaz retorna diferente nos hábitos, nas ideias e nos sentimentos. Avesso ao trabalho e ao conhecimento dedica-se somente à caça de animais, à caça de um outro mais outro colocado em relação hierárquica de força e, portanto, de poder. Suas más intenções em relação à Elisa revelam-se logo e são um dia relatadas por ela para seu pai:

[...] declarou-me hoje que gostava de mim, que eu devia ser dele, que só ele me poderia dar tudo quanto eu desejasse, e muitas outras coisas que eu nem pude ouvir, tal foi o espanto com que ouvi as suas primeiras palavras. Declarei-lhe que não pensasse coisas tais. Insistiu; repeli-o... Então, tomando um ar carrancudo, saiu, dizendo-me: - Hás de ser minha! (ASSIS, 2008, p.755).

Ao ouvir o relato da filha, o pai, com a certeza dos “maus intentos” do rapaz, resolve ter uma conversa com o filho do seu patrão, pedindo que deixasse sua filha em paz. Na ocasião, Carlos assume o seu comportamento: “basta, disse; confesso-te, Julião, que era uma loucura minha de que me arrependo. Vai tranquilo: respeitarei tua filha como se fosse morta” (ASSIS, 2008, p.756). Mas a promessa do rapaz, além de prenunciativa, acaba sendo fatalmente descumprida.

Certo dia, Elisa, sozinha em casa, é assediada de forma violenta por Carlos. O ato da violação é flagrado pelo pai da moça, que é impedido de ajudar sua filha pelos capangas do rapaz. Tomado de revolta, vendo a honra da filha ameaçada, o pai mata a menina, acreditando que dessa forma estaria salvando-a da desonra perpetrada pelo sinhozinho. Preso por assassinar a filha, Julião encontra mais uma vez em Pio a compreensão e a ajuda de que precisava. O fazendeiro contrata um advogado narrador em defesa do empregado. E o conto se encerra da seguinte maneira:

[...] No momento em que escrevo estas páginas, Julião, tendo já cumprido a sentença, vive na fazenda de Pio. Pio não quis que ele voltasse ao lugar em que se dera a catástrofe, e fá-lo residir ao pé de si. [...] Quanto a Carlos, vai resgatando como pode o crime com que atentou contra a honra de uma donzela e contra a felicidade de dois pais (ASSIS, 2008, p.761).

Elisa é descrita pelo pai como “a mulatinha mais formosa daquelas dez léguas em redor”. Ainda que a descrição paterna possa soar aqui em tom afetivo, através desta passagem do texto é possível perceber que a personagem carrega, ela própria, traços que a diferem de uma empregada doméstica branca, filha de trabalhadores brancos, e a aproximam de uma relação direta com a condição escravagista daquele momento descrito no conto. Há relatos de que o “bondoso fazendeiro” promovia entre seus escravos concursos anuais para que alguns pudessem ganhar a sua liberdade. Ainda assim, muitos deles optavam por continuar no local trabalhando para o antigo senhor. Conviviam na fazenda, portanto, escravos e homens recém-libertos que se tornaram os “novos” trabalhadores do antigo dono, agora patrão.

A personagem de Elisa nos chama atenção, pois além de ser a única figura feminina da história, praticamente não desempenha ação alguma ao longo do enredo. Porém, é ao redor dela que orbita um universo todo masculino, cercado por Julião, Carlos, Pio, a fazenda e seus trabalhadores escravos e libertos e até pelo homem advogado que é quem narra sua história de violação seguida de morte. Ao longo da narrativa quase não lhe é dada a palavra e ela possui pouca voz ativa. No contexto da narrativa, Elisa soma pelo menos três características que a tornam mais vulnerável diante daquele universo falocêntrico: ela é mulher, mulata e filha humilde de um trabalhador, provavelmente um ex-escravo. Além da condição feminina, pesa aqui o passado da escravidão e suas heranças coloniais e se reúnem questões assimétricas de poder relacionadas aos papéis de gênero, a diferença de classes sociais e às diferenças raciais utilizadas para manter sistemas

de dominação. Elisa foi vítima de Carlos e de um sistema patriarcal que legitimou sua morte e as crenças, regras e condutas morais relacionadas à honra e à sexualidade do corpo feminino inserido nessa lógica.

De maneira semelhante vivenciamos a história de “Mariana”, conto de mesmo título publicado em janeiro de 1871 no *Jornal das Famílias*, um periódico ao qual Machado de Assis esteve ligado entre 1864 e 1878 e que tinha, como já dito, um público-alvo majoritário de mulheres. Assim como “Virginius”, também foi incorporado posteriormente à seção *Outros contos*, da edição Nova Aguilar. O conto narra a volta de Macedo da Europa para o Rio de Janeiro, após quinze anos de ausência do Brasil. Neste retorno, o personagem, que é também o narrador em primeira pessoa, reencontra três amigos, dentre eles, Coutinho, o qual passa a assumir a posição de narrador-personagem da história. Durante uma conversa no hotel em que Macedo estava hospedado, ao rememorar os sentimentos de amor que uma escrava chamada Mariana lhe devotava no passado, Coutinho relata que Mariana era uma linda escrava de sua casa, muito querida de sua mãe, suas irmãs e de todos ali presentes. Por isso, tal escrava havia sido sempre tratada e educada como pertencente à família. Nas palavras de Coutinho:

— Chamava-se Mariana — continuou ele alguns minutos depois — e era uma gentil mulatinha nascida e criada como filha da casa, e recebendo de minha mãe os mesmos afagos que ela dispensava às outras filhas. Não se sentava à mesa, nem vinha à sala em ocasião de visitas, eis a diferença; no mais, era como se fosse pessoa livre, e até minhas irmãs tinham certa afeição fraternal. Mariana possuía a inteligência da sua situação, e não abusava dos cuidados com que era tratada. Compreendia bem que na situação em que se achava só lhe restava pagar com muito reconhecimento a bondade de sua senhora (ASSIS, 2008, p.1009).

A partir desta passagem, é notável como Mariana, escrava-agregada, têm total consciência do seu lugar perante a família de Coutinha, ou seja, o narrador nos dá pistas ao longo do conto de que a personagem, apesar de ser uma escrava diferenciada dos demais, sabia desde o primeiro momento que sua condição lhe impediria de concretizar seu amor. Mariana amava ocultamente Coutinho e sofria profundamente ao saber que ele iria se casar com sua prima Amélia. Sabendo da impossibilidade de realização desse amor, ela foge por duas vezes da casa da família. A última dessas fugas foi quatro dias antes do casamento que acabou não acontecendo. Quando Coutinho a encontra num hotel da antiga rua dos Latoeiros, Mariana insiste em não voltar para casa e se mata naquele local, ingerindo veneno.

Após contar para os amigos a tragédia ocorrida com a escrava sob a perspectiva masculina e senhorial, e ressaltar nunca ter sido amado por ninguém com tamanha intensidade, Coutinho logo muda de assunto e sai à rua para se divertir com os amigos. Assim, o foco narrativo volta-se para Macedo, que revela o quão triste foi para todos ouvir a história da escrava. Por outro lado, o tom narrativo nos habilita igualmente a questionar o suposto pesar sentido pelos rapazes ali reunidos, já que o rememorar do trágico caso da escrava, sob a ótica de um narrador astuto e vaidoso, caminha para o total esquecimento, cedendo lugar ao exame dos pés das moças abastadas, que desciam dos carros na cidade. De todo modo, ainda que damas, livres, brancas, com mais ou menos posses econômicas, continuam sendo mulheres, condição que permite que sejam submetidas ao exame astuto, depreciativo ou “mais ou menos engraçado” (até os limites esgarçados do mais e do menos) dos jovens rapazes-caçadores. Dessa forma, o conto se encerra da seguinte maneira:

Coutinho concluiu assim a sua narração, que foi ouvida com tristeza por todos nós. Mas daí a pouco saímos pela Rua do Ouvidor fora, examinando os pés das damas que desciam dos carros, e fazendo a esse respeito mil reflexões mais ou menos engraçadas e oportunas. Duas horas de conversa tinha-nos restituído a mocidade

(ASSIS, 2008, p.1019).

O papel da protagonista do conto nos desperta considerável interesse ao longo da narrativa. Novamente aqui, só conhecemos de fato Mariana através da perspectiva de um homem narrador que rememora a história vivida por ele. A forma como Mariana é descrita, escrava educada *quase* como pertencente à família; beleza encantadora, mas insuficiente para conquistar o filho da sua senhora; o carinho que todos da casa tinham por ela, ainda que não se sentasse à mesa com os demais; sua inteligência e, principalmente sua condição consciente de “seu lugar” social, ou seja, dos limites que não poderiam ser ultrapassados, tudo isso faz de Mariana uma personagem complexa que carrega a dor desta compreensão e seus limites. Ao longo do conto, muitas passagens soam irônicas e nos mostram a perversidade da condição imposta à protagonista a partir do olhar de Coutinho. O narrador nos diz que a escrava teve educação *quase* tão completa quanto a de suas irmãs, sabendo mais do que as outras mulheres “em igual caso”, ou seja, as demais escravas não estudadas. Na passagem a seguir, o narrador descreve Mariana de maneira erotizada e preconceituosa:

Como tinha inteligência natural, todas essas coisas lhe foram fáceis. *O desenvolvimento do seu espírito não prejudicava o desenvolvimento de seus encantos. Mariana aos 18 anos era o tipo mais completo da sua raça. Sentia-se-lhe o*

fogo atrás de sua tez morena do rosto, fogo inquieto e vivaz que lhe rompia dos olhos negros e rasgados. Tinha os cabelos naturalmente encaracolados e curtos. Talhe esbelto e elegante, colo voluptuoso, pé pequeno e mãos de senhora (ASSIS, 2008, p. 1009. Grifos nossos).

Coutinho, ao descrever Mariana, idealiza suas qualidades colocando-a, em partes, na mesma posição de uma senhora branca e livre, que teve acesso aos ensinamentos dados a uma distinta classe social. No entanto, ele marca igualmente a condição subalterna da personagem quando se permite erotizar o corpo negro feminino e igualar este mesmo corpo à condição daquele capaz de despertar desejos, que traria consigo um “fogo inquieto” quase natural. Em outra passagem da narrativa, quando sua irmã desconfia que Mariana pudesse estar gostando de alguém, Coutinho reafirma as diferenças sociais entre ambos, ao dizer o seguinte: “E quem será o namorado da senhora Mariana, perguntei rindo. O copeiro ou o cocheiro?” (ASSIS, 2008, p.1011).

O impedimento da realização desta paixão de Mariana com um homem branco, filho de sua antiga dona, de distinta classe social, é um fato de grande relevância no texto, pois apesar de toda a consideração que todos tinham por Mariana, em momento algum ela teria o apoio dessa suposta família para revelar sua paixão e vivenciá-la efetivamente, transpondo os limites impostos por essas relações. Por mais que Mariana tivesse uma educação diferenciada, isso não lhe garantiu os mesmos privilégios da família que a acolheu. Essa impossibilidade reforça sua condição de escrava e encaminha a personagem para o seu trágico desfecho.

Há ainda mais uma interessante personagem que gostaríamos de destacar e ressaltar aqui, agora integrante do conto “O caso da vara”, publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias*, em 1891 e republicado em 1899 no livro *Páginas Recolhidas*. O conto vem à tona logo após dois acontecimentos históricos relevantes para a sociedade brasileira da época, justamente a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889). Porém, a história que se desenvolve no enredo se passa em um período bem anterior à data de sua publicação, como nos relata já no início do texto, o próprio narrador: “Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto. Não sei bem o ano; foi antes de 1850” (ASSIS, 2008, p.535). O conto “O caso da vara” narra a história desse jovem rapaz chamado Damião, que ao ser mandado pelo pai para o seminário, resolve fugir. Sem saber para onde ir, pede refúgio à casa de Sinhá Rita, mulher viúva, bordadeira e dona de escravos. Depois de várias

súplicas do garoto, ela, após muito hesitar, decide ajudá-lo para que ele não tivesse que retornar ao seminário: “Peço-lhe pelo amor de Deus, pelo que a senhora tiver de mais sagrado, pela alma de seu marido, salve-me da morte, porque eu mato-me, se voltar para aquela casa” (ASSIS, 2008, p.536).

Sinhá Rita é uma das figuras femininas do conto que também possui um papel bastante curioso, já que exerce grande influência e poder sobre as personagens ao seu redor. A mulher é descrita pelo narrador da seguinte forma: “tinha quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos. Era apessoada, viva, patusca, amiga de rir; mas, quando convinha, brava como diabo” (ASSIS, 2008, p.536). No desenrolar do enredo do conto, o narrador deixa subentendido para nós leitoras e leitores uma suposta relação amorosa existente entre Sinhá Rita e o padrinho de Damião, Sr. João Carneiro, fato este que leva então o seminarista ao encontro da senhora. Comovida com a situação do rapaz, Sinhá Rita manda imediatamente chamar Sr. João Carneiro a fim de que este converse com o pai de Damião, decidindo assim o destino do menino. Sem muitas alternativas, João Carneiro cede à pressão da mulher, prometendo recorrer em defesa de Damião.

O padrinho do rapaz se vê diante de um grande dilema: apaziguar o pai de Damião, que irredutivelmente o queria no seminário, ou satisfazer as ordens da Sinhá, com quem, provavelmente, mantinha discreta relação amorosa? O autoritarismo da viúva em relação a João Carneiro é tão grande que ela, ao tomar conhecimento das dificuldades encontradas por ele em convencer o pai de Damião a desistir da carreira eclesiástica do filho, lhe escreve um bilhete ameaçador, no qual diz o seguinte: “Joãozinho, ou você salva o moço, ou nunca mais nos vemos” (ASSIS, 2008, p.539). Nesta passagem, a partir das palavras da viúva, é possível perceber o grau de intimidade existente entre ambos.

Ao longo da narrativa, a atenção do leitor/leitora é desviada para uma segunda figura feminina chave para o enredo do conto: Lucrecia é descrita pelo narrador como “uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos [...]” (ASSIS, 2008, p.536-537). A menina é uma das escravas que trabalhava dentro da casa de Sinhá Rita, uma de suas “crias”, como eram chamadas, justamente porque a dona da casa mantinha seu sustento e dos demais através do trabalho dessas mulheres, lhes ensinando a fazer “renda, crivo e bordado”. Após o surgimento de Lucrecia, o

conto ganha outro rumo, ou seja, o caso de Damião é deixado em segundo plano e os olhares se voltam apenas para a pequena escrava.

Numa passagem central da narrativa, quando Damião e Sinhá Rita contam anedotas na sala da casa como forma de acalmar os ânimos do rapaz, enquanto as “crias” da senhora trabalhavam em seus bordados, Lucrecia se distrai da atividade e acaba rindo da história contada pelo moço. Nesse momento, acaba sofrendo mais uma ameaça de ser castigada:

Sinhá Rita pegou de uma vara que estava ao pé da marquesa e ameaçou-a:

- Lucrecia olha a vara! A pequena baixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo de costume (ASSIS, 2008, p.536).

Assistindo a tal episódio, o jovem Damião sente pena da menina e decide apadrinhá-la, tentando assim defendê-la de algum provável castigo marcadamente costumeiro. No final da tarde, chegada a hora de conferir os trabalhos das discípulas, apenas Lucrecia ainda não havia terminado a tarefa. Sinhá agarra então a menina pelos braços à procura de uma vara que usaria para açoitá-la, no entanto, o instrumento não estava ao seu alcance. A mulher recorre então à ajuda de Damião:

A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala. Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista:

- Senhor Damião, dê-me aquela vara, faz favor?

Damião ficou frio ...Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, quer por causa dele, atrasara o trabalho...

- Dê-me a vara, senhor Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

- Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita (ASSIS, 2008, p.539-40).

No final do conto, Damião se vê em um conflito moral entre defender Lucrecia do provável castigo ou entregar a vara à Sinhá Rita, o que significaria também livrar sua própria pele do retorno ao seminário. Apesar de compadecido

em relação à menina, Damião age de forma cruel e egoísta pensando em solucionar apenas a sua questão pessoal/individual. Ao final do caso, Lucrecia aparece como mais uma vítima do sistema escravocrata, pois ainda que tenha tido um final diferente das personagens dos contos anteriores (a violação e o assassinato de Elisa e o suicídio de Mariana), também aqui não há ninguém que interceda a seu favor. Novamente aqui, a personagem feminina é punida e castigada.

A MATERNIDADE E O TRÁGICO destino de Arminda

O conto “Pai contra mãe”, publicado em 1906 no livro “*Relíquias da Casa Velha*”, aborda de maneira mais explícita a temática do sistema escravocrata no Brasil. Além disso, ele também se assemelha em outros aspectos com os demais, citados anteriormente, como por exemplo, a forma subordinada em que as personagens femininas são descritas nas narrativas, sendo elas tidas como simples mercadorias, presas num mundo sem escolhas. Na narrativa em questão, a escravidão aparece como uma luta pela sobrevivência, ou seja, um jogo baseado entre poder e dominação, no qual vence o mais forte.

Narrado em terceira pessoa, o enredo se desenvolve, novamente, na cidade do Rio de Janeiro e tem como pano de fundo o cenário escravista do final do século XIX. A história de Candinho, personagem central da narrativa, resume-se à história de uma escrava fugida: “Cândido Neves - em família, Candinho - é a pessoa a quem se lida a história de uma fuga” (ASSIS, 2008, p.632).

Com uma descrição dura e terrível dos instrumentos de tortura utilizados nos castigos e punições sofridos pelos escravos quando fugiam de seus senhores, Machado de Assis abre um dos seus contos mais estudados, escrito e publicado apenas dois anos antes de sua morte. Só depois de apresentar ao leitor esta violência do universo escravocrata é que o narrador põe em cena a figura de Cândido Neves, homem sem posses que (sobre)vivia da perseguição e resgate de escravos fugidos.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos como terão sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era

fechada atrás da cabeça por um cadeado. [...] Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, a venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras (ASSIS, 2008, p. 631).

Como comenta Marli Scarpelli, o narrador ao finalizar o parágrafo com as seguintes palavras “mas não cuidemos de máscaras”, realiza uma ironia negativa. Em seguida, continua a bárbara descrição:

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado (ASSIS, 2008, p. 631).

No decorrer da história, Candinho se apaixona por uma moça, também pobre, chamada Clara, que vive com sua Tia Mônica do ofício da costura. Depois de onze meses de namoro os dois se casam e vão morar na casa da tia. Por conta da situação do rapaz, em não possuir um emprego fixo, as necessidades vão surgindo e as contas da casa vão ficando atrasadas. Quando o ofício de pegar escravos fugidos não lhe dá mais lucro, devido à concorrência e à diminuição do número de fugas, Cândido Neves se vê em uma situação difícil, numa carência ainda maior do que antes. Justamente nesse momento, Clara descobre-se grávida. Seria mais uma pessoa para alimentar. Tia Mônica sugere que, após o nascimento da criança, o bebê fosse levado pelo pai à roda dos enjeitados, já que a sobrevivência de todos na casa estaria seriamente comprometida. O casal, a princípio, reage à ideia da tia, mas, com o passar do tempo sem mudanças da situação financeira, acabam se resignando e cedendo.

Finalmente, a criança vem ao mundo e Candinho, desesperado, não encontra alternativa se não a de entregar o menino. No caminho até o local, o pai reconhece a figura de uma escrava fugida ao final do beco na direção do largo da Ajuda, pela qual se daria alta recompensa. Deposita naquela oportunidade toda a sua expectativa de mudança do destino do filho e da sua família. Cândido Neves, sem dar explicações, deixa o menino em uma farmácia e sai à caça da mulata fugida.

– Arminda! Bradou, conforme a nomeava o anúncio.

Arminda voltou-se sem cuidar malícia. Foi só quando ele, tendo tirado o pedaço de corda da algibeira, pegou dos braços da escrava, que ela compreendeu e quis fugir. Era já impossível. Cândido Neves, com as mãos robustas, atava-lhe os pulsos e dizia que andasse. A escrava quis gritar, parece que chegou a soltar alguma voz mais alta

que de costume, mas entendeu logo que ninguém viria libertá-la, ao contrário. Pediu então que a soltasse pelo amor de Deus.

– Estou grávida, meu senhor! – exclamou. – Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!

– Siga! – repetiu Cândido Neves.

– Me solte!

– Não quero demoras; siga!

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – cousa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza, ele lhe mandaria dar açoites. (ASSIS, 2008, p. 637-38).

Cândido Neves ignorando as suas súplicas da escrava fugida Arminda, arrastando-a pelas ruas leva-a até a casa de seu dono. Na porta deste, a escrava, que estava grávida, aborta. Apático a isso, Candinho após receber a gratificação pela captura da escrava, retira-se da porta do senhor, levando a garantia de que o seu filho voltaria para casa.

O senhor estava em casa, acudiu ao chamado e ao rumor.

–Aqui está a fujona, disse Cândido Neves.

–É ela mesma.

–Meu senhor!

–Anda, entra...

Arminda caiu no corredor. Ali mesmo o senhor da escrava abriu a carteira e tirou os cem mil-réis de gratificação. Cândido Neves guardou as duas notas de cinquenta mil-réis, enquanto o senhor novamente dizia à escrava que entrasse. No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.

O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono. Cândido Neves viu todo esse espetáculo. Não sabia que horas eram. Quaisquer que fossem, urgia correr à rua da Ajuda, e foi o que ele fez sem querer conhecer as consequências do desastre (ASSIS, 2008, p. 638).

Neste conto, diferentemente dos anteriores, observamos a presença de três importantes personagens femininas, Clara, Tia Mônica e Arminda. Há aqui o drama da “mãe mulher branca livre” em contraposição ao drama da “mãe mulher

escrava capturada”. Fato este que reforça mais uma vez as desigualdades sociais e raciais existentes no enredo dos contos em questão.

Logo no início do conto, nós leitores somos tomados por um sentimento de certo modo complacente à dor de Clara e Candinho, ao saber que após o nascimento do filho terão que entregá-lo à roda dos enjeitados. Dessa forma, há uma estratégia narrativa capaz de criar esta referida empatia entre os leitores e a história de Cândido Neves. No decorrer da narrativa vamos ficando cada vez mais comovidos com a situação do pai de família, mas esse sentimento em relação ao personagem muda totalmente no final do conto, quando Candinho captura a escrava mesmo sabendo que esta estava grávida.

A atitude do Candinho o revela como um individualista, egoísta que só pensou em si próprio, pois acreditamos que diferente da escrava que não possuía ninguém para interceder por ela, o pai de família poderia sim recorrer a outros meio para cuidar do filho. O conto deixa nítido de forma bem irônica ao terminar com a frase “nem todas as crianças vingam”, que os brancos sempre têm prioridades, devido Arminda ser uma escrava ela não poderia ter o seu filho? Infelizmente as desigualdades sociais, raciais ainda persistem e o conto explora bem tal fato. Candinho, apesar de também estar inserido na camada baixa da sociedade, depois de tal ato, acaba por conta de interesses pessoais servindo à classe dominante, que também o oprime.

40

APONTAMENTOS finais

Com base em tudo o que foi exposto, podemos concluir que os quatro contos analisados no presente estudo, possuem uma forte ligação relacionados ao período em que Machado os compôs, a escravidão, e como se davam as relações e os tratamentos entre os senhores e escravos nesse contexto. Outro fato também comum entre eles é que todos trazem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, capital do Império. Acreditamos que, por meio de tais contos, Machado denuncia o comportamento humano e recria cenas, temas e espacialidades do país no final do século XIX.

Na análise dos contos, observamos que os recursos utilizados para se referir às diferenças existentes entre os senhores e os subordinados escravos, mostram perfeitamente como eram sofridos esse processos de desumanização impostos

pelo sistema da época. Desde a jovem Elisa, que é duplamente violentada (tanto pelo pai, quanto pelo filho do Senhor); passando pela trajetória de Mariana, escrava agregada, educada *quase* como se fosse da família; a pequenina Lucrecia, submetida aos castigos diários de sua Senhora; até Arminda, em sua fuga desesperada em favor da vida, sua e do filho que estava por nascer. Todas essas personagens carregam resquícios de violência e amargura pelas tristes vivências das histórias relatadas nos contos, mas, em alguns casos, também agem em favor da vida, mesmo que sem o sucesso esperado.

Diante do exposto, seria possível afirmarmos que Machado de Assis, na condição de escritor, não foi omissivo em relação à temática da escravidão e aos problemas locais e universais de seu próprio tempo. Ao contrário disso, Machado criou contos, como os aqui estudados, nos quais a violência e autoritarismo dos regimes patriarcais e escravocratas são explorados e denunciados com maestria. As personagens femininas aqui são destacadas principalmente pela tragicidade de seus destinos ao qual todas foram submetidas, o sistema patriarcal. Dessa forma, Sanseverino deixa importantes contribuições a respeito das personagens em Machado e do sistema escravocrata que as rodeiam ao longo dos contos por nós aqui estudados. De acordo com ele:

Machado de Assis representa personagens ambivalentes, como não se constituem sujeitos porque ficam cindidos, obrigados a submeter as duas regras simultâneas e excludentes. De um lado, o sistema patriarcal e escravocrata, persistiu durante o Império, não como resquício colonial, mas como base estruturante da sociedade e do estado brasileiro. De outro lado, por uma necessidade de atualização aos novos padrões europeus, os indivíduos foram formados segundo normas liberais e burguesas (SANSEVERINO, 2001, p. 11).

Por fim, ainda segundo os autores, Machado demonstrou em seus contos o “modo como o movimento ambivalente e ininterrupto do comportamento dos senhores não é um dado acessório, mas ele penetra no cerne das atitudes individuais, na vivência do conflito das pessoas em sua vida prosaica, mascarando e naturalizando a raiz violenta e autoritária da relação senhor e escravo, pai e filho, professor e aluno” (SANSEVERINO e REIS, p.23).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Org. Aluizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloisa Janh. 2.ed. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. volume I / Machado de Assis; seleção, introdução e notas John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Machado de Assis afro-descente*. Escritos de Caramujo. 2.ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2009.

GLEDSON, John. Introdução. In: *50 Contos de Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: Ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, (p. 35-69).

PEREIRA, Cilene Margarete. *Jogos e cenas do casamento*. Estudo das personagens e do narrador machadianos em contos fluminenses e Histórias da meia noite. Curitiba: Apris, 2011.

PINHEIRO, Alexandra Santos. O jornal das famílias (1863-1878) e as leitoras do século XIX. *Revista Faz Ciência*, 06,01, Unioeste, 2004, p. 115-135.

SANSEVERINO, Antônio Marcos. Machado de Assis, Ambivalência e autoritarismo. *Revista do Programa de Pós-graduação Letras da UFSM*, n. 22, vol. Literatura e autoritarismo, 2001, p.11-26.

SCARPELLI, Marli Fantini. Pai conta mãe de Machado de Assis: a negativa das negativas. *Revista Via Atlântica*, n. 6, out. 2003.

WOLF, Elizabeth Larroudé. *Análise do conto pai contra mãe de Machado de Assis*. Trabalho de conclusão de curso da faculdade de Educação São Luís. Núcleo apoio de Jaboticabal. São Paulo. 2008.

42

Artigo Recebido em: 06 de dezembro de 2017.

Artigo Aprovado em: 18 de abril de 2018.

